



***Ars longa, vita brevis: la História del Arte en la larga duración***  
***Ars longa, vita brevis: a História da Arte na longa duração***  
***Ars longa, vita brevis: the History of Art in the long term***

José María SALVADOR GONZÁLEZ<sup>1</sup>  
Matheus Corassa da SILVA<sup>2</sup>

Nunca se acaba de aprender acerca da arte. Há sempre novas coisas a descobrir. As grandes obras de arte parecem ter um aspecto diferente cada vez que nos colocamos diante delas. Parecem ser tão inexauríveis e imprevisíveis quantos seres humanos de carne e osso. É um mundo excitante, com suas próprias e estranhas leis, e suas próprias aventuras.<sup>3</sup>

Chegamos ao décimo número de *Mirabilia Ars*. Na trilha das sempre atuais reflexões de Fernand Braudel (1902-1985) acerca da *longue durée* histórica, dedicamos este volume à complexa relação de tradições e inovações, avanços e resistências que permearam – e ainda o fazem – a História da Arte. Como bem destacou Gombrich na epígrafe acima, esta modesta parcela da vasta produção cultural humana é constituída por obras que, em essência, são tão multifacetadas como os próprios homens e mulheres que as produzem, analisam-nas e as contemplam. Diante da brevidade da vida, a Arte se projeta num tempo longo, perpassado por diferentes modos de pensar, sentir e agir, marcado por continuidades e rupturas nas convenções ou nas visões de mundo e que, ao fim e ao cabo, fazem-nos mirá-la com *olhos de novidade*.<sup>4</sup>

Os seis articulistas desta edição se propuseram a debater o tema, numa envergadura temporal que se estende da Antiguidade egípcia ao século XVII.

---

<sup>1</sup> Profesor de *Historia del Arte Medieval* en el Departamento de Historia del Arte I (Medieval) de la Universidad Complutense de Madrid (UCM). *E-mail*: [jmsalvad@ucm.es](mailto:jmsalvad@ucm.es).

<sup>2</sup> Historiador e mestre em Artes – área de concentração em *Teoria e História da Arte* – pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *E-mail*: [matheuscorassa@gmail.com](mailto:matheuscorassa@gmail.com).

<sup>3</sup> GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2012, p. 36.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 37.

**Irene Benito González** (Universidad Complutense de Madrid [UCM]) abre a discussão com a análise iconográfica de uma série de imagens do Egito Antigo que abordam o *banquete funerário*. A recorrência desse motivo artístico em tumbas e sarcófagos da época testemunha a permanência de uma abordagem cara àquela civilização que desenvolveu uma *arte para a eternidade*. A autora aprofunda a abordagem a partir das três imagens-chave que costumam identificar a cena: 1) a comida, 2) a dança, junto ao acompanhamento musical, e 2) a representação dos aromas.

**Alexandre Emerick Neves** (Universidade Federal do Espírito Santo [UFES]) parte do tema iconográfico-religioso da *Anunciação*, materializado em retábulo homônimo por Simone Martini (1284-1344) no nebuloso contexto de transição entre o Gótico internacional e o Renascimento. O pesquisador propõe a discussão de conceitos complexos e bastante presentes no debate contemporâneo, como as categorias de *tempo*, *lugar* e *movimento* nos chamados *modos de figurar o corpo*, que dialogam com a reflexão filosófica da temática imortalizada por Martini. Entre continuidades e rupturas, do estoicismo greco-romano ao tomismo medieval, a “*Anunciação* como o *locus* de retorno do *logos* figurado”.

A função social da arquitetura religiosa no medievo é o tema do artigo de **Bárbara Dantas** (UFES), que a examina a partir da Cantiga 45 e das iluminuras que a acompanham no códice das *Cantigas de Santa Maria* (século XIII) do rei Afonso X, *o Sábio* (1221-1284). A Cantiga 45 relata o milagre no qual um cavaleiro, muito afeito a atitudes vis, quis reparar seus erros e construir um mosteiro dedicado à Virgem Maria, com todos os cômodos e espaços necessários para a vida monacal. Além da análise iconográfica de um dos mais belos conjuntos de iluminuras medievais, a autora nos apresenta, ainda que de modo incipiente, a arquitetura religiosa como um *locus* no qual se projetam diversas tradições e inovações artísticas.

A mesma arquitetura é parte da abordagem de **Lorena da Silva Vargas** (Universidade Federal de Goiás), que traz a Catedral de Barcelona para o centro da discussão. Ela é apresentada pela autora como verdadeira *obra de arte total* que, além de um edifício, de uma construção arquitetônica, é um monumento que congrega esculturas, pinturas e retábulos convertidos em *marcos temporais*. Eles “contam”, na *longue durée* (sempre ela!), a história desse majestoso templo, desde a concepção enquanto uma basílica paleocristã à sua conformação moderna.

Os dois últimos artigos desta edição dão destacado lugar às reflexões sobre o feminino nas artes renascentista e barroca. **Laura Casado Ballesteros** (UCM) dedica



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars* 10 (2019/1)

*Tradition and innovation: artistic ruptures and continuities*

*Tradición e innovación: rupturas y continuidades artísticas*

*Tradição e inovação: rupturas e continuidades artísticas*

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

seu texto à representação de Vênus na obra de Sandro Botticelli (1445-1510), com destaque para a construção simbólica da imagem da deusa, que ia muito mais além do tema mitológico, e para a influência do neoplatonismo nessa figuração. Os artistas da Renascença, como Botticelli, souberam como poucos sintetizar as tradições e inovações que fizeram únicas as obras de seu tempo.

Por fim, **Irene Barreno García** (UCM) propõe uma análise da imaginária coletiva religiosa e artística do século XVII que representavam mulheres do Antigo Testamento bíblico sob a perspectiva dos estudos de gênero. A pesquisadora descreve e coloca em debate pinturas do período que remetem a quatro blocos temáticos: 1) *Judite decapitando Holofernes*, 2) *Susana e os velhos*, 3) *Jael e Sísera* e 4) *Sansão e Dalila*. A hipótese levantada é ousada, uma vez que considera possível, com as ferramentas proporcionadas pelos principais historiadores da arte da *escola sociológica* (como Antal, Francastel, Hadjinicolaou ou Hauser), argumentar que a utilização de um tipo ou outro de imagens de mulheres bíblicas pode variar em função do gênero do sujeito que efetua a representação. O trabalho, enfim, é de fôlego, já que se debruça sobre um (sempre importante) vasto cabedal teórico, tão menosprezado em tempos em que o saber acadêmico é flagrantemente instrumentalizado em favor de bandeiras políticas.

\*\*\*

A diversidade de trabalhos dessa publicação do *Institut d'Estudis Medievals* demonstra a pluralidade de perspectivas e abordagens dos temas tratados por seus articulistas, além de reafirmar o compromisso de *Mirabilia Ars* com a cooperação acadêmica internacional. Agradecemos a todos os colegas que contribuíram com a presente edição e reiteramos o nosso desejo de sempre apresentarmos à comunidade de pesquisadores uma publicação de alto impacto – alocada em mais de oitenta indexadores –, pautada pela interdisciplinaridade e pela internacionalização do conhecimento.